

Stadium

N.º 367

14 - Dezembro - 1949

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



O golo da vitória
—Perto do fim, Júlio recebe a bola de Rosário, e constroi a vitória com um remate forte e colocado, dando uma grande alegria à gente do Benfica!

Observando

PARECE que, uma vez nomeada a Comissão de Seleção adjudicando-se ao Conselho Técnico essa missão, se começou a trabalhar sem perda de tempo, embora esse trabalho não se veja ainda por não ter começado, praticamente, a preparação em campo ou no ginásio, tanto individual como colectivamente. Por enquanto não se sabe quem são os jogadores que vão ser submetidos aos treinos, e é precisamente de tal que se trata na actual fase. Os três seleccionadores, que devem formar um todo, dão-se à tarefa de mirar, com olhos de vér, os jogadores em acção, anotando a forma em que se encontram, disposição, características e qualidades.

Sabemos que os três Responsáveis não têm perdido, deslocando-se a várias terras do País com o caderno de notas na algibeira, e que o período de observação se prolongará até o fim do corrente mês, entrando-se depois em matéria prática.

Isto significa que, pelo menos, por ora, ao contrário da orientação traçada em temporadas anteriores, o Conselho Técnico não apresentará, antes de iniciar a sua tarefa de seleccionar, um Plano ou programa de trabalhos. Só a seu tempo, provavelmente, após a fase da observação, nos dará a conhecer a ideia directriz que o anima. Vivemos na escuridão até se produzir a claridade.

De sorte que todas as declarações postas a correr no que respeita à preparação, ou não são mais do que pensamentos isolados e pessoais de qualquer dos três seleccionadores, ou então resoluções que escreecem ainda da aprovação da própria Comissão de Seleção. Quando Salvador do Carmo declara, por exemplo, que o Grupo Nacional treinará exclusivamente contra etasms da Segunda Divisão faz uma afirmação pessoal, que, nem por ter o império do seu cargo, deixa de ser um pensamento isolado e a controlar pela referida Comissão.

Tudo prematuro! Até o fim do corrente mês, a fase será sómente de observação, tomando-se então nessa altura as medidas referentes à preparação de ordem técnica. Quere dizer, a Comissão de Seleção ainda não se decidiu por qualquer orientação, apesar dos seus membros terem trocado impressões sobre o assunto. E isto mostra mais uma vez a necessidade de um Plano como norma.

Já se sabe, no entanto, que o cargo de treinador da equipa nacional será confiado a Augusto Silva e o de massagista ao conhecido Manuel Marques, do Sporting, que entrará em funções, oficialmente, a partir de um de Janeiro próximo. Trata-se de dois técnicos que, nas suas respectivas tarefas, têm provado cabalmente ao ponto de serem indiscutíveis. Todos nós os consideramos muito competentes e hábeis, excelentes colaboradores dos Responsáveis.

À verdade, porém, é que a preparação se reveste de aspectos muito delicados, pois, de certa maneira, o interesse da Seleção choça-se com os dos clubes, havendo que atender também a esses como a outros interesses. Só da dedicação e da boa vontade de todos é que resultará trabalho profícuo.

No Mundo da Bola

Pelo Jornalista Desconhecido

CONTA-GOTAS

CORRE QUE...

Não saber nada é condição para acertar!

Conhecemos, mesmo em Portugal, vários Concursos de Prognósticos sobre o Campeonato Nacional, e não deixa de ser curioso verificar-se que, em geral, os que mais sabem, nunca acertam...

Pois em Espanha deu-se um facto muito curioso! Uma nobre mulher, de uma noção perto de Ciudad Real, denominada Malagón, que não sabe ler nem escrever, nunca tendo assistido a um desafio de futebol, e julgando que uma equipa se compõe de 15 ou 20 jogadores, acertou nos catorze resultados da Primeira Liga, ganhando todo o bolo das Apostas Mútuas, uma quantia considerável.

O fenómeno, extraordinário, pois como tal o consideramos, deve-se precisamente à circunstância da sr.^a Amparo Rodriguez não perceber nada de futebol...

Desafios falsos

As Festas de Homenagem ou de Despedida são em geral grandes manifestações simpáticas de carinho relativamente ao que é alvo de homenagem. O público sofre, com admirável resignação, toda a série de interrupções ao espectáculo, algumas delas, escusadamente, bem longas, sabendo de antemão para o que vai...

Mas nem sequer se lhe dá — e tal começa a ser o descrédito destas Festas! — um desfofo de verdade, porque se anuncia uma coisa e se lhe apresenta outra. Logo ao quarto de hora, em geral, começam as trocas e baldrocas, adquirindo a partida um tom humorístico que não se compadece com o carácter de encontro pago.

Ainda estão a tempo de salvar semelhantes Festas, desde que todos entrem no caminho dos compromissos firmes. Caso contrário, o público fugirá destes acontecimentos como o Diabo da Cruz. E não é caso para menos!

Barek — o indesejável!

Ben Barek, o negro que tanto mal disse do nosso País na imprensa francesa, está a tornar-se também indesejável em Espanha.

Há pouco tempo foi assobiado pela massa associativa do Atlético que vê claramente que Ben Barek não quer jogar, ou que joga propositalmente mal.

A direcção do popular clube viu-se na contingência de o tirar do team, mas, na última quinta-feira, contra o Palmeiras, na Festa de Anarbio, voltou a alinhar com ele. E voltaram a repetir-se os mesmos factos e atitudes.

O negro francês jogou muito desinteressado, e aos 25 minutos do primeiro tempo fingiu-se magoado de um Joelho e retirou-se do campo.

Diz-se em Madrid, e ele próprio já o declarou, que ele quer transferir-se para o Hovre, mas este clube não está disposto a adquiri-lo por alto preço, e, então, Ben Barek quer conquistar a sua transferência fazendo a greve dos braços caídos, ou, nesta hipótese, das pernas mortas.

Seleção de Espanha formada só por madrilenos...

Júlio Cuelo, em «Informaciones», seu jornal, escrevendo sobre o Campeonato do Mundo e da preparação do grupo nacional de Espanha, forma uma selecção incluindo apenas jogadores de Madrid, com o excepção do guarda-redes, nome que, aliás, não indica.

Não será excessivo de boirismo? A título de curiosidade indicamos a Seleção de Cuelo: N. N.; Navarra, Pant e Lozano; Silva e Narro; Miguel, Olmedo, Pehin, Molewsky (o ídolo de Madrid) e Escudero.

Ficaram assim de fora os nossos conhecidos Curta, Puchades, Gonzalvo III Zarra, Bayona, Gainza, Nando e outros. Estarão estes jogadores muito por baixo?

João Jardim, do Sporting, chegado esta semana de Espanha, e que ali viu em acção quatro equipas categorizadas, Real Madrid, Barcelona, Atlético e Valladolid, afirma que nenhuma destas equipas jogou tão bem como o Atlético na Festa de Progreso, apesar de contra os brasileiros os atléticos terem feito um óptimo segundo tempo.

O grande clube do Porto pretende resolver o caso do seu treinador, confrontando uma figura portuguesa, logo que resolvido o actual conflito, que nos últimos tempos se tem destacada notavelmente.

O rendimento líquido da Festa do Espírito Santo deve andar à volta de cem contos, metendo lá todos os ingredientes.

À volta da situação do jogador Vital cria-se uma corrente favorável tendente a dar o castigo por cumruido.

O resultado desfavorável do Palmeiras em Madrid, desfavorável e desvelado, se deve apenas a excessos praticados no interregno dos encontros pelos jogadores brasileiros.

O Benfica oferece a Espírito Santo a importância de cinco contos no dia da sua Festa.

Sempre se confirma a preferência dos juniores de B-Jém, nas festas da Páscoa, a Marselha, participando num torneio juntamente com Torino (Itália), Barcelona (Espanha) e Olympique Marseille (Fr-ncs).

Os jogadores da Associação Académica, de sua exclusiva iniciativa, vão prestar no domingo próximo, em Coimbra, uma expressiva homenagem ao técnico e crítico Tavares da Silva.

Pensamentos

Para os adeptos, é sempre o adversário que faz falta. Caso contrário, não seriam adeptos!

Garantimos sob palavra de honra que o culpado de todas as derrotas é o árbitro. Também afirmamos, sob a mesma palavra de honra, que esse indivíduo é sempre o causador das vitórias!

Ano VIII — IV Série — N.º 867
Lisboa, 14 de Dezembro de 1950

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1.

Telefone, 31127 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Não há renovação de valores

Os Internacionais já não são os mesmos — Difficil vencer a Espanha — Declarações do popular locutor português Quadri Raposo

O locutor Quadri Raposo, homem acostumado a ver futebol, concedeu aos jornalistas brasileiros Fernando Bruce e Mário Provenzano a entrevista que, com a pénia da praxe, transcrevemos na íntegra, a qual revela um pessimismo total e muito discutível. Afirmemos, no entanto, que cada qual pode ter a sua opinião, mas que a de Quadri Raposo é desastosamente negra e fechada, pelo menos, em nosso entendimento. Mas tem curiosidade.

Quadri Raposo, locutor desportivo da Emissora Nacional de Lisboa, é uma figura popular no desporto, aqui em Portugal. Por essa razão, procurámos ouvi-lo sobre o desporto português, especialmente agora, em vésperas da intervenção da selecção portuguesa nas eliminatórias com a Espanha, para o Campeonato do Mundo. O conhecido locutor não escondeu à reportagem dos «Diários e Emissoras Associados», a crise, vamos assim dizer, que envolve o futebol português, no momento, levando-o para uma ruína completa. E, quando lhe perguntámos como andavam as coisas desportivas por aqui, ele respondeu:

— Muito mal, meu amigo. Pior do que se pode imaginar.

— Mas, motivo por que?

— Principalmente pela política entre dirigentes.

E explicou-nos:

— São vários os candidatos ao posto de presidente da Federação Portuguesa de Futebol. Em principio, tem-se a impressão de que todos querem trabalhar pelo desporto, porém, se a coisa for bem analisada, chega-se à conclusão de que eles querem somente fazer nome.

— Quer dizer que a situação é má para o seleccionado português?

— Horrivelmente má. Começa que não temos jogadores para a selecção, isto é, jogadores com classe internacional.

— E onde estão os famosos Peyroteo, Travassos, Jesus Correia, etc.?

— O comandante abandonou desgostoso; Travassos, operado do marisco, enquanto que os outros no momento sem condições técnicas para tão grande responsabilidade.

— E onde estão os valores novos do futebol português?

— Durante cinco anos, o nosso futebol não apresentou nada de novo. Os dirigentes e técnicos preferiram primeiro acabar com os grandes nomes do futebol português, para, depois, então, tratar de gente nova. Não se fez renovação de valores. Começaram este ano pensando nisso, e, por conseguinte, não haverá tempo para a Copa do Mundo.

— Quer dizer que você não acredita na selecção de Portugal, para os jogos com os espanhóis?

— Difficilmente poderemos vencer

REALIZOU-SE NO LOBITO

a maior homenagem de todos os tempos ao jogador FERNANDO PEYROTEO

LOBITO— Já tínhamos referido para Lisboa, à respectiva Comissão, que se preparava aqui uma festa de homenagem ao grande jogador, com raiz nesta terra, Fernando Peyroteo. E os desportistas do Lobito cumpriram a sua palavra, vivendo dois dias inolvidáveis na história do desporto angolano. Foi a maior concentração clubista que jámais se viu. Deslocaaram-se ao Lobito para tomarem parte na homenagem ao internacional angolano Fernando Peyroteo, o Sporting de Luanda, o Sporting de Moçamedes, o Sporting de Huambo, o Sporting de Benguela, o Sport Clube de Portugal (Benguela), que se juntaram ao Lusitano Sport Clube e ao Sporting do Lobito (clube organizador) para resultar uma festa de singular brilho. A estes estandartes, num desfile impecável, juntaram-se as bandeiras do Sporting de Baçelo e do Sporting de Balombo.

Isto foi possível por que estava em causa e em foco a grande figura de Fernando Peyroteo, que, sem exagero, é considerado nestas terras como um ídolo. Quando a Casa dos Estudantes do Império lhe fez uma homenagem, ela era sem dúvida a intérprete do sentimento de todos nós, que, vivendo longe do Continente, seguimos vivamente interessados a causa e o desenvolvimento desportivo.

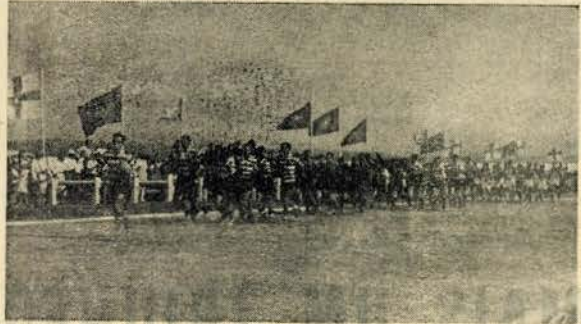
Isto leva-nos a dizer, desviando-nos um pouco da homenagem: o que presenciámos no Lobito devia dar-se igualmente com o Campeonato de Angola, que há muito tempo não tem realização.

A recordar os velhos tempos não faltou Alvaro Peyroteo, que deu o pontapé de saída. Os jogadores do Sporting de Luanda ofereceram uma salva de prata a Peyroteo. Todos os clubes que colaboraram no festival receberam taças. O Sporting do Lobito ganhou o Torneio. — *Ballazar Vertissimo.*

os nossos tradicionais adversários. Ao contrário de nós, nossos vizinhos espanhóis, trataram, com muita antecedência, do seu futebol. Renovaram equipas, fizeram experiência e, hoje, a Espanha é um celeiro de cracks novos e em condições de brilhar em qualquer competição internacional.

Para os espanhóis, conforme tivemos a oportunidade de dizer para o Brasil, os jogos eliminatórios entre Espanha e Portugal devem ser realizados na Europa. Procurámos, então, saber o ponto de vista do locutor Quadri Raposo, que assim nos respondeu:

— Sou de opinião que deverá ser mantido o determinado pela FIFA. Se o nosso futebol estivesse em condições, então poderíamos fazer a tentativa de jogar no Brasil, onde existem muitos portugueses, com esperança de lá ficarem como classificados. Mas como nos encontramos, é preferível ficar por aqui. Talvez jogando em campos portugueses e espanhóis se consiga alguma coisa.



De cima para baixo — Os clubes que colaboraram na festa de homenagem a Fernando Peyroteo, dando uma salva de honras no campo do Lusitano (Lobito): Sporting de Moçamedes, Sporting de Benguela, Sporting de Huambo, Sport Clube Portugal, Lusitano Sport Clube, Sporting Clube do Lubito. ♦ A equipa de honra do Sporting Clube de Moçamedes. ♦ E do Sport Clube de Portugal. ♦ E do Sporting Clube do Lobito, que venceu brilhantemente o Sporting Clube de Luanda por 3-1



A equipa de Lisboa — brilhante vencedora do torneio de hóquei inter-cidades. No primeiro plano: Correia dos Santos, Emídio e Raio. Em pé: Velez, Edgar e Cruzeiro



Trieste: 2.º lugar. Em cima: Poser, Torre, Bertuzzi e Bresigar. Em baixo: Tamaro e Cosentino



Antuérpia: 3.º lugar. Em cima: Timmermans, Bogaerts e Verloed. Em baixo: Picquer, De Winter e Claes

MAIS UM TRIUNFO BRILHANTE para o hóquei português

A equipa de Lisboa, só com vitórias, ganhou o torneio inter-cidades disputado no Pavilhão dos Desportos

Os Campeonatos do Mundo e da Europa de corridas em patins

tiveram como vencedores individuais os belgas — mas o triunfo colectivo pertenceu à Inglaterra

ESTÁ novamente de parabéns o hóquei português — modalidade desportiva triunfante e da qual nos podemos justamente orgulhar.

No Pavilhão dos Desportos, a selecção de Lisboa, em luta contra equipas de quatro cidades estrangeiras, A Antuérpia, Barcelona, Manchester e Trieste, registou mais uma vitória para o desporto lusitano. Mas não somente Lisboa... Porque também a turma representativa do Porto — e foi pena, realmente, não ter estado presente na capital o «combinado» nortenho! — obteve resultados lisonjeiros ao derrotar os grupos belga, britânico, espanhol e italiano. Pode, portanto, dizer-se que esta campanha foi de glória para o hóquei

português, constituindo, sem dúvida, seguro elemento de propagação da melhora da maior que o desporto desejará. Registe-se, por conseguinte, tal acontecimento — com legítimo orgulho — sem, contudo, deixar de se pensar em Roma... Portugal já estará presente, em 1950, decerto para assegurar a classe dos seus brilhantes e valorosos hóqueistas e para confirmar os seus títulos de campeão do Mundo e da Europa na modalidade.

Lisboa pôllou a ser teatro de um grande acontecimento desportivo — cuja projecção internacional além-fronteiras significa bastante. Pois não foi só o hóquei que esteve em foco. Conjuntamente, disputaram-se, pela

segunda vez (mas a primeira no País) os campeonatos do Mundo e da Europa de corridas em patins. E os portugueses, que quase eram estreantes em competição do género, souberam sair-se airoso do confronto com os mais categorizados especialistas estrangeiros — entre os quais se distinguiram os belgas e os ingleses. A Bélgica, por intermédio dos seus três atletas, todos eles corredores de fama, ganhou individualmente — mas o triunfo por equipas foi para a Inglaterra.

Na magnífica pista do Pavilhão do Parque de Eduardo VII

estiveram os verdadeiros campeões: em patinagem e de corridas. E igualmente os autênticos campeoníssimos de hóquei Assistiram-se às melhores demonstrações de classe apurada naquelas três modalidades. Viram-se as maiores redelós — tais como Franca Rio, Leda Pelli, Kenneth Byrne, Jean Phelthean, Jós Weynen, Marcel Meus... Do lado português: Emídio Pinto, António Raio, Correia dos Santos e Edgar Bragança — quatro famosas campeões do Mundo! E ainda Edite Cruz, Maria Antónia e Mário Sampaio — «figuras» da patinagem artística nacional que já não fazem má figura...

Mas, a despeito de se terem disputado os campeonatos mundiais e europeus de corridas em patins de rodas, com êxito desportivo desmanecedor, não para os hóqueistas de Portugal as mais clamorosas palmas. Eles souberam alcançar novo e relumbante triunfo, cobrindo-se mais uma vez de glória, demonstrando, enfim, que continuam a ser... os melhores do Mundo! Temos de lhe estar gratos. E merecem, a par do nosso reconhecimento, felicitações de quantos se interessam pelo desporto na generalidade, e, em



Barcelona: 4.º lugar. Em cima: Rubio. Mas e Serra. Em baixo: Sech, Bel e Basabó



Manchester: 5.º lugar. Em cima: Mercer, Spavin, Banks e Loveland. Em baixo: Parihow e Buckley



Mais um golo de Correia dos Santos, que se vê à direita, de mão no ar, e que é o melhor «scorer» do torneio, no desafio contra Antuérpia. O antigo guardião de futebol Dyson confirma — enquanto Bel e Rubio parecem andar à procura da bola...

especial, pelo hóquei em patins. — JORGE MONTEIRO.

Torneio Internacional de hóquei em patins

A competição hóqueística, em que participaram cinco equipas representativas de outras tantas cidades, a maior parte das quais, porém, eram quare as seleções nacionais dos respectivos países, forneceu os resultados seguintes:

1.º dia:
Trieste-Barcelona.... 7 6 (3 3)
Lisboa-Antuérpia..... 6 1 (4 1)

2.º dia:
Trieste-Manchester .. 7 3 (4 1)
Lisboa-Barcelona.... 5-1 (3 0)

3.º dia:
Antuérpia-Manchester 4 3 (0 2)
Lisboa-Trieste..... 6 2 (2 2)

4.º dia:
Antuérpia-Barcelona. 2 0 (2 0)
Lisboa-Manchester... 3 0 (2 0)

5.º dia:
Trieste-Antuérpia.... 4 1 (4 0)
Barcelona-Manchester 3 3 (1 2)

Anotam-se, entre parenteses, as marcas da primeira parte.

Classificação final:

	J	V	E	D	Golos	P
1.º LISBOA.....	4	4	—	—	20-4	8
2.º Trieste.....	4	3	—	1	20-16	6
3.º Antuérpia...	4	2	—	2	8-15	4
4.º Barcelona...	4	—	3	1	10-17	1
5.º Manchester...	4	—	3	1	9-17	1
					67	

Naquelas partidas alinharam e marcaram golos:

Lisboa—Emídio, Rio (4), Edgar (3), Correia dos Santos (1), Velez (2) e Cruzeiro.

Trieste — Tampro, Cosentino, Torre (3), B rtuzaj (7), Poser (10), Bresigar e Torrenti.

Antuérpia — De Winter, Boggaerts (1), Verploedt (5), Claes (1), Timmermans (1), Piquer e Dictus.

Barcelona — Bel (depois Fenollosa), Rubio, Serra, Más (7), Basó (3) e Sech.

Manchester — Banks, Spavin (1), M-reer (3), Patil w (3), Buehley (1) e Loveland (1).

Vitórias individuais dos belgas e triunfo colectivo da Inglaterra nos campeonatos do Mundo e da Europa — em corridas

Os campeonatos do Mundo e da Europa de corridas em pista — nos quais tomaram parte sete nações — tiveram os seguintes resultados:

1 000 metros — 1.º Jõs Weynen (Bélgica), 2 m. 21 s. e 2 m. 23,3 s. nas duas «mãos» da final; 2.º Robert Marc (França), respectivamente, 2 m. 22,3 s. e 2 m. 23,8 s.; 3.º Marcel Meeus (Bélgica), 2 m. 23,2 s.; 4.º Denis Hill (Inglaterra), 2 m. 25,6 s.

5 000 metros — 1.ª série: 1.º Roger Pelaud (França), 12 m. 33 s.; 2.º Denis Hill (Inglaterra); 3.º Albert Taeymans (Bélgica); 4.º David Brown (Inglaterra); 5.º René Trenit (França); 6.º Guido Galessi (Itália). 2.ª série: 1.º Marcel Meeus (Bélgica), 11 m. 55 s.; 2.º Jõs Weynen (Bélgica); 3.º John Reeves (Inglaterra); 4.º Robert Marc (França); 5.º Luciano Lazzari (Itália); 6.º Angelo Sportoletti (Itália). Final: 1.º Marcel Meeus (Bélgica), 11 m. 34,8 s.; 2.º Albert Taeymans (Bélgica); 3.º Denis Hill (Inglaterra); 4.º Jõs Weynen (Bélgica); 5.º Roger Pelaud (França); 6.º David Brown (Inglaterra).

10 000 metros — 1.ª série: 1.º Albert Taeymans (Bélgica); 24 m. 10 s.; 2.º Roger Pelaud (França); 3.º David Brown (Inglaterra); 4.º John Reeves (Inglaterra); 5.º Guido Galessi (Itália); 6.º Angelo Sportoletti (Itália); 7.º Príncipe da Cunha (Portugal). 2.ª série — 1.º Marcel Meeus (Bélgica), 23 m. 58 s.; 2.º Luciano Lazzari (Itália); 3.º Denis Hill (Inglaterra); 4.º René Trenit (França); 5.º Robert Marc (França); 6.º Raul Rodrigues (Portugal); 7.º Van Ommen (Holanda). Final: 1.º Albert Taeymans (Bélgica), 23 m. 41,5 s.; 2.º Marcel Meeus (Bélgica); 3.º David Brown (Inglaterra); 4.º Denis Hill (Inglaterra); 5.º John Reeves (Inglaterra); 6.º Roger Pelaud (França); 7.º René Trenit (França); 8.º Luciano Lazzari (Itália); 9.º Robert Marc (França);



Leda Pelli e Franca Rio num passo de bailado tirolés

10.º Guido Galessi (Itália); 11.º Raul Rodrigues (Portugal).

20 000 metros — 1.º Marcel Meeus (Bélgica), 47 m. 51,9 s.; 2.º Denis Hill (Inglaterra); 3.º David Brown (Inglaterra); 4.º Roger Pelaud (França); 5.º Luciano Lazzari (Itália) e Jõs Weynen (Bélgica); 7.º Guido Galessi (Itália) e John Reeves (Inglaterra); 9.º René Trenit (França); 10.º Angelo Sportoletti (Itália); 11.º Albert Taeymans (Bélgica); 12.º Robert Marc (França); 13.º António Claro (Portugal); 14.º Raul Rodrigues (Portugal); 15.º Príncipe da Cunha (Portugal); 16.º Van Ommen (Holanda); 17.º Van Asperen (Holanda); 18.º Van Bakker (Holanda); 19.º Lotfi Abdalla (Egipto); 20.º Bahgath Fattouh (Egipto); 21.º Mahmoud Fawzi (Egipto).

Classificação final — 1.º Inglaterra, 201 pontos; 2.º Bélgica, 195; 3.º França, 165; 4.º Itália, 150; 5.º Portugal, 71; 6.º Holanda, 68; 7.º Egipto, 32. Os belgas, campeões individuais, não triunfaram colectivamente devido à eliminação de Jõs Weynen na final dos 10 000 metros, por ter feito «jogo de equipas», e ao acidente sofrido por Albert Taeymans, nos 20 quilómetros, ao qual saltou uma roda nos patins.

Nos torneios anteriores tinham-se registado os vencedores seguintes:

1 Campeonatos do Mundo, em 1938, em Londres — 1 000 metros, Garagnani (Itália); 5 000 metros, Ross (Inglaterra); 10 000 metros, Ross (Inglaterra); 20 000 metros, Cooper (Inglaterra). 1 Campeonatos da Europa, em 1936, em Estugarda — 1 000 metros, Mithis (França); 5 000 metros, Roed (Inglaterra); 10 000 metros, Ross (Inglaterra); 20 000 metros, Ross (Inglaterra).

Provas extra: Taça das Nações e Grande Prémio de Lisboa

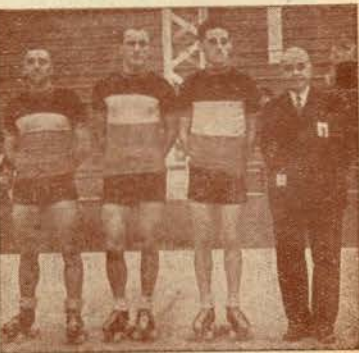
Agora as provas oficiais, disputaram-se, ainda, duas corridas extra, com os resultados seguintes:

1 000 metros em «handicaps» (Taça das Nações) — 1.ª série: 1.º Príncipe (Port.), 2 m. 17,8 s.; 2.º Hill (Ing.), 3.º Taeymans (Bélg.); 4.º Trenit (Fr.); 5.º Abdalla (Eg.); 6.º Bakker (Hol.); 2.ª série: 1.º Meeus (Belg.); 2.º Claro (Port.); 3.º Marc (Fr.); 4.º Brown

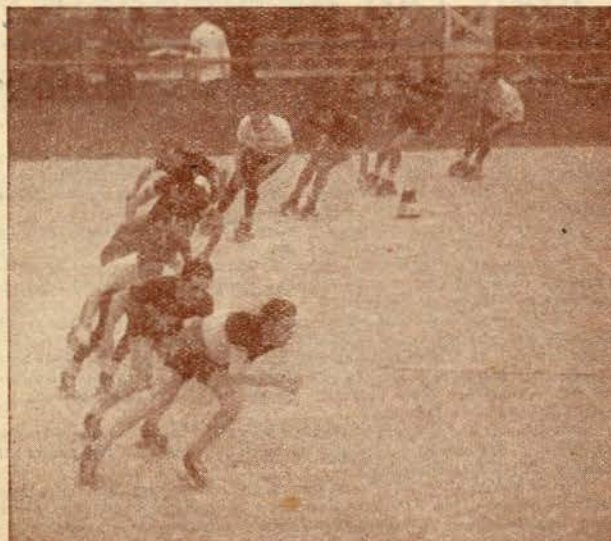
(Ing.); 5.º Asperen (Hol.); 6.º Fawa (Eg.). 3.ª série: 1.º Weynen (Belg.); 2.º m. 18,3 s.; 2.º Reeves (Ing.); 3.º Rodrigues (Portugal); 4.º Ommen (Hol.); 5.º Fattouh (Eg.); Pelaud (Fr.) desistiu. Final: 1.º Reeves (Ing.); 2 m. 16,5 s.; 2.º Weynen (Belg.); 3.º Príncipe (Port.); 4.º Meeus (Belg.); 5.º Marc (Fr.); 6.º Hill (Ing.); 7.º Taeymans (Belg.); 8.º Claro (Port.); 9.º Rodrigues (Portugal).

5 000 metros «americanas» por equipas (Grande Prémio de Lisboa) — 1.º Bélgica (Meeus, Taeymans e Weynen), 11 m. 18,5 s.; 2.º Inglaterra (Brown, Hill e Reeves); 3.º França (Marc, Pelaud e Trenit); 4.º Portugal (Claro, Príncipe e Rodrigues); 5.º Holanda (Asperen, Bakker e Ommen); 6.º Egipto (Abdalla, Fattouh e Fawzi)

Os portugueses, nos quatro encontros realizados no Palácio de Cristal, contra as equipas estrangeiras que vieram disputar a «Taça Lisboa», conquistaram três triunfos e um empate, pela ordem: Manchester, 4 4 (2 0); Antuérpia, 1 0 (1 0); Barcelona, 3 2 (2 2); Trieste, 4 3 (2 2). Alinharam e marcaram golos pelo Porto — Gomes da Costa, Correia de Brito (1), M. Soares (3), Ribeiro (3), Figueiredo (5), M. Fernandes e Santiago.



Albert Taeymans, Jõs Weynen e Marcel Meeus. Ao lado: A. Soiflé, presidente da Federação da Bélgica



Meeus, seguido por Marc, Hill, Lazzari, Peloud, Taeymans, Brown, Galessi, Weynen e Reeves, dirige a corrida dos 20 quilómetros (250 voltas à pista) — na qual ganhou segundo título de campeão do Mundo

ESPIRITO SANTO

despediu-se na pretérita semana

e concedeu à «Stadium»
a última entrevista da sua carreira

(Continuação)

Obteve a excelente marca de 1^m,825, deixando boquiabertos quantos assistiram à proeza. E fez «caíra», no mesmo ano, mais dois récordes de seniores: comprimento e tripla.

E ainda hoje é detentor do récorde nacional de saltos em altura, com 1^m,88 que saltou durante uma pugna internacional em que defrontou o maior saltador espanhol da época.

O que aqui se narra cremos que seja bastante para identificar Espírito Santo como praticante de atletismo, de invulgares qualidades. Mas lamenta-se, ainda, que o futebol lhe não tenha dado tempo livre para que ele pudesse continuar a fazer alarde de uma classe excepcional.

A entrevista

Feito o bosquejo rápido que deixamos para trás, parecemos-nos curiosos que arquivássemos nas colunas da nossa Revista algumas palavras de Espírito Santo, por ventura as últimas que dele serão recolhidas, como atleta. Para isso o procurámos em sua casa, um «cinho» simpático que sua esposa se esforça por tornar acolhedor, onde a garrulice dum traquinas de 3 anos pôs uma nota de ternura que nos comove.

E iniciámos um curto «trote» de perguntas, o bastante apenas para satisfazer a curiosidade do público.

“Boletim do Atlético”

A orientação dos Clubes, pelo menos, daqueles que têm possibilidades financeiras, editarem boletins ou órgãos, sua propriedade, para mais facilmente comunicarem com a sua massa associativa, pegou de cepa. Cabe agora a vez do Atlético Clube de Portugal apresentar o seu «boletim», que não acarreta encargos para a colectividade, visto o sr. cap. Alcino Pires, como se diz na publicação, ter posto a bolsa ao dispôr da causa. É uma publicação, simples e simpática, que poderá prestar bons serviços ao clube, seguindo sempre o rumo que norteia este primeiro número.

“O Minho Desportivo” e a sua acção

Continua a publicar-se com regularidade, e o facto dá-nos imensa satisfação, o nosso prezado colega «O Minho Desportivo», que, dirigido pelo sr. Araújo Pereira, e tendo como redactor principal o sr. Raul Felixo, se apresenta com um aspecto gráfico limpo e de bom gosto, distinguindo-se pela sua orientação sadia e construtiva. «O Minho Desportivo» é de indispensável leitura para aqueles que desejem ter presente o desenvolvimento da educação física naquela região, mas ultrapassta este objectivo, publicando doutrinas e reportagens de interesse geral, podendo afirmar-se estarmos em presença de uma bela afirmação jornalística.

— Como encarou a sua «despedida», Guilherme?

— Quando se chega ao final de uma carreira durante a qual o público nos acarinhou sempre, a crítica nos amparou, e as amizades se cultivaram em ritmo que nos desvaneece, creio que uma «despedida» deve ser encarada como um momento difícil... Comovedor, sobretudo.

— Fica com saudades, portanto?

— Creio bem que sim. Tendo vivido intensamente a amizade dos companheiros de ideal desportivo, o amparo inesquecível da admirável massa associativa desse grande clube a que tanto me orgulho de estar ligado, e os aplausos e incitamentos da multidão heterógena que anda arrasada pelo futebol, não me parece que venha a ser fácil passar da posição de jogador à de espectador.

— Dos dois desportos que praticou, de qual gostou mais?

— A resposta é difícil. Gostei muito do atletismo, é verdade. Fico com pena, sinceramente, de não ter podido dedicar-me a ele com mais tempo. Até mesmo porque o atletismo deve estar na base de uma boa preparação física do futebolista que queira se-lo com consciência. Mas a bola... é a bola. Tem-se por ela um interesse especial. Olhe — rematou Espírito Santo — risque a pergunta do questionário, e faça de conta que a não fez.

— Há na sua carreira, decerto, momentos agradáveis?

— Sim, há alguns — diz-nos o nosso entrevistado, e olhar perdido no espaço que lhe fica frente.

— Quere indicar-nos um?

— Pois sim. E se não se importa, anote então o momento mais feliz como jogador de futebol, e como praticante de atletismo. O primeiro, está ligado a um jogo que ganhei ao Sporting por 2/1, uma tarde em que substituí Martins na balza, quando ele teve que recolher ao hospital para suturar a cabeça. O segundo, foi quando bati o récorde de Portugal, em salto em altura, fixando-o no 1^m,88.

— Já agora, indique-nos também a sua tarde mais desagradável...

— Aquele em que o árbitro setubalense Henrique Rosa nos impediu, com a invalidação inexplicável de um golo, de ganharmos o encontro que empatámos, na capital do Norte, com o F. C. do Porto. Era o nosso quarto triunfo consecutivo no Campeonato Nacional.

Ouvimos, nos «mentideros», há dias, que Espírito Santo enver-



Esprito Santo é um excelente camarada e uma pessoa de bom trato, não admirando portanto que conquiste amizades e simpatias, mesmo no estrangeiro. Em Basileia, Espírito Santo cumprimenta, amigavelmente o grande jogador suíço Asbi

daria pela carreira de treinador. Por isso lhe perguntámos:

— Que há sobre um contrato como treinador.

Esprito Santo pareceu surpreso, o que nos fez arrependê-lo imediatamente da pergunta. Mas, correcto como é, não quiz deixar-nos sem resposta:

— Creia que é a primeira vez que ouço falar nisso. Até hoje, ainda ninguém me abordou sobre o assunto. Evidentemente que se me fizermos alguma proposta susceptível de poder ser discutida, não terei a menor dúvida em transmitir a outros aquilo que aprendi. Mas, por enquanto, nada existe.

— Posto ponto final na sua carreira, que pensa, então, fazer no campo desportivo?

— Continuar a praticar ténis, modalidade em que me inicieei há pouco, e fazer um pouco de natação e de ténis de mesa.

Consultado o relógio, verificámos o longo tempo que havíamos

tomado ao nosso entrevistado, e dispuzemo-nos a partir. Antes, porém, fizemos-lhe ainda esta pergunta:

— Importa-se de nos citar nomes de jogadores de futebol que mais tenha admirado?

— Sou admirador incondicional de todos os que briosamente defendam a camisola que envergamos, e encaram o desporto como excelente escola de virtudes que é. Entretanto, e se lhe apraz, pode anotar os seguintes nomes: Rogério, Júlio, Chico Ferreira, o nóvel Gil em quem o meu clube depositou fundadas esperanças, Gaspar Pinto, Albino, Valadas, Martins, Pinga, Mourão, Azevedo e Amaro, embora outros, de que não me recordo, mereçam também citação. Mas que eles não levem esta omissão à conta de menos amizade, pois de todos sou amigo, e de todos livo saudades.

ROSA DE MATOS

Quais são os europeus?

A Comissão da Europa da Federação Internacional de Atletismo deverá ter-se reunido ultimamente para tratar de diversos assuntos e questões regulamentares que se ligam com os campeonatos da Europa, marcados para 23 de Agosto de 1950, em Bruxelas.

Aos dirigentes franceses interessava em particular o caso dos atletas qualificáveis para tomarem parte no torneio, pois pretendem alargar a concepção de europeu de maneira que abranje os seus campeões argelinos e, se possível, coloniais: El Mabrouk, Sillon, Mimeun e Papa Galo.

A base da sua argumentação é o teor do art.º 9.º do regulamento da A. A. I. F., que diz: «Só os súbditos de um país o podem representar».

Partindo desta classificação, e como são considerados nacionais os indivíduos nascidos nas Colónias, os franceses concluem que todos são admissíveis nos Campeonatos da Europa.

Os países opositores, entre os quais é de crer que a Inglaterra tenha tomado papel preponderante, fundamentar-se-ão, porém no texto do regulamento especial da homologação de récordes europeus, o qual especifica: «Os récordes dos países cujo território se estende a outros continentes, só poderão ser reconhecidos como récordes europeus no caso do atleta detentor residência efectiva na Europa».

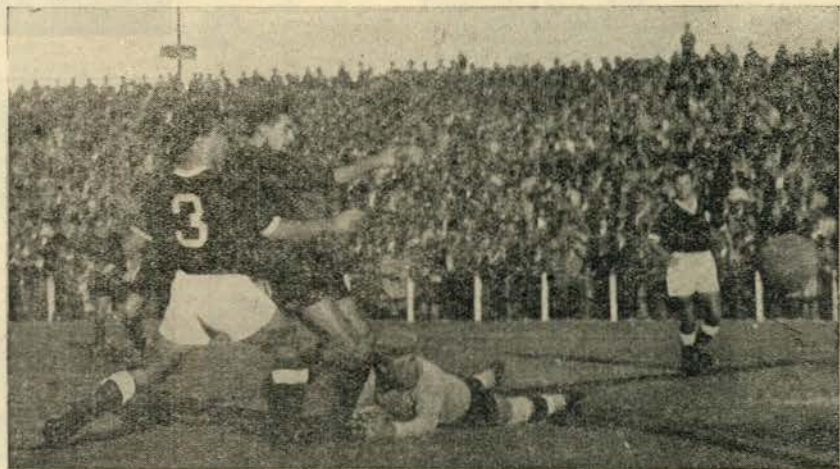
Noutro artigo, o 4.º, lê-se ainda: «As marcas dos indivíduos oriundos das colónias dos países da Europa ou de outro continente, não podem ser tomadas em consideração».

O problema, cuja solução ignoramos ainda ao escrever esta nota, pode interessar em especial à Federação Portuguesa, pois dos territórios do nosso vasto Império podem vir atletas portugueses que, no caso de ser aceite o critério francês, mereçam a honra de nos representar em Bruxelas.

Quais serão os europeus? Os súbditos das nações europeias, nascidos no continente ou todos aqueles que a constituição respectiva considerar nacionais com igualdade de direitos políticos?



Os grupos dos antigos leões e do Sport Lisboa e Saudade, tendo ao lado o árbitro José Travassos, que participaram na Festa de Espírito Santo



Eis o Espírito Santo que abandonou a actividade oficial a oito de Dezembro!

... E a Académica marcou a sua bola. Não havia de isso possível!

A consagração de Espírito Santo

Há festas, e festas! Cada uma tem o seu ritual, ou mais espaventosa, ou mais simples. A de Espírito Santo, benfiquense de sempre, jogador brilhante, alma simples, quase ingénua, homem direito, não podia deixar de ter o cunho que teve. Foi uma cerimónia a que não faltou grandesa e emoção, mas esses sentimentos foram gerados espontaneamente — na figura do jogador e do desportista.

Espírito Santo merecia a consagração. Teve-a, felizmente, numa festa simpática, muito pública, em que participaram antigos jogadores do Benfica e do Sporting, e em que a Associação Académica deu prontamente a sua participação. O tenente-coronel Ribeiro dos Reis, em análise sumária mas brilhante, fez avultar a figura do inimitável jogador, dizendo a herança que lhe coube de Vítor Silva.

Os antigos do Sporting venceram o Sport Lisboa e Saudade por 1-0, alinhando:

Sporting — Dyson; Cardoso, Jurado e Gouveia; Paciência e António Faustino; Borques Leal, Abrantes Mendes, Peyroteo, Mira e Rosado.

Benfica — Martins; António Pinho, Gustavo e Rogério de Sousa; Albino e Raul Baptista; Domingos Lopes, Xavier, Vítor Silva, Guedes Gonçalves e Valadas.

Como árbitro actuou José Travassos.

O desafio transformou-se numa saudosa recordação, merecendo várias jogadas a acção do público.

No encontro final, o Benfica bateu a Académica por 7-1. Mas verdade seja, o resultado pouco significa, porque os grupos fizeram grandes substituições, traindo por completo o aspecto da competição.

Mas isso não interessava. Era a figura de Espírito Santo que estava em causa, e esta merecia amplamente a apoteose.

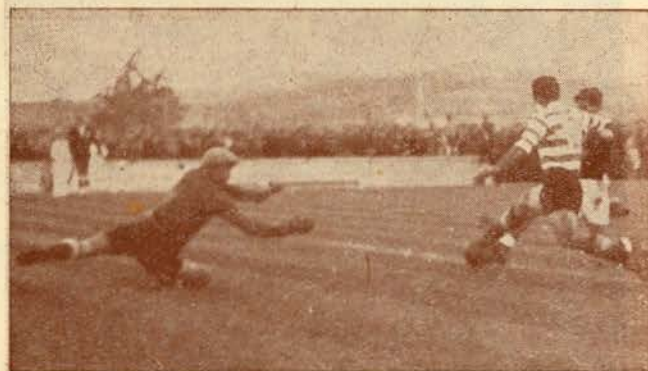
Deus o ajude na vida!



Espírito Santo entra em campo por entre uma guarda de honra formada por jogadores. Conquistou esse direito em treze anos de actividade exemplar no Benfica

BENFICA

guia do Campeonato



DE CIMA PARA BAIXO — Na marcação de um canto, todos os jogadores leoninos tomam o seu devido lugar, rodeando Azevedo, os seguintes homens: Juvenal, Manuel Marques, Canário, Veríssimo e Barrosa. ♦ Arsênio, no meio de dois adversários tenta executar o lance com a vivacidade que é sua característica

DE CIMA PARA BAIXO — Azevedo, carregado pelo impetuoso Arsênio, defende em segurança. Note-se a maneira como vários jogadores se aglomeram nas redes, e ler-se-á a impressão de que o lance era, sem dúvida, perigosíssimo. ♦ Juvenal tenta opor-se a uma investida de Rosário, jogador muito rápido e ousado. ♦ Azevedo faz-se já à defesa, apesar de haver ainda probabilidades de Barrosa sortiar a zorrada do avançado benfiquense.



JORNADA BENFICA

A décima jornada teve um colado retintamente benfiquense. Sem dúvidas, e superior a toda a ordem de considerações, a partida do V. le do Jamor atraiu a atenção de todos. Juntava-se desta vez o alicante da rivalidade entre os 2 magníficos históricos com a circunstância da decisão referir o guia do campeonato. A luta do Jamor decidiu-se a favor do Benfica, não havendo matéria para recriações no que respeita à sentença.

É possível que, como técnico e amante do futebol fora do vulgar, o encontro não nos tenha agradado inteiramente. Convenhamos ser muito difícil, na prática, juntar o útil ao agradável. Se, em campo, se desenvolvessem os lances que, com tranquilidade nas bancadas, no decorrer dos pontapés e situações, nós visionamos, um jogo seria qualquer coisa como uma maravilha. Mas assim não sucede. Os jogadores, em campo, não vêem muitas vezes aquilo que é simples, e embrenham-se com insistência no caminho das dificuldades.

A vitória do Benfica deu-nos mais um exemplo do que afirmamos. E é bom que as verdades sejam sempre reforçadas. Não só a isso, e os benfiquenses, com uma digna vitória pela diferença de uma bola, registariam um triunfo mais expressivo. Saltando por cima de outros golpes, lembramos de um em que Rogério, isolado, a meia dúzia de metros da baliza, sem ninguém em volta, mandou a bola para as mãos de Azevedo. Ao contrário de uma opinião que ouvimos, não se tratava na hipótese do respeito incutido pelo grande Azevedo, mas sim e sempre de uma falha grave que tem razão de ser no temperamento do jogador português.

Os primeiros 45 minutos constituíram a melhor parte do encontro. Jogou-se, francamente bem, de parte a parte. A genica, o

extraordinário entusiasmo e a indomável força de vontade dos benfiquenses tiveram ou scferam, em contra-partida, a melhor mecanização do Sporting, a engrenagem do ataque e a harmonia que é sua principal característica.

Contra o vento, os benfiquenses deram-se a um futebol profundo de destruição, mas, coisa curiosa, não perdendo a visão ofensiva. Pode afirmar-se que os sportingues se organizaram melhor no ataque, mas o certo é que os dianteiros benfiquenses também chegaram muitas vezes às balizas de Azevedo. Jogo num e noutro lado, as alternativas sucederam-se dando um aspecto invulgarmente emotivo à partida.

Depois, na segunda parte, pelo lado sportingue, tudo se transformou, como nas mágicas. A lesão de Albano, e, no fundo, as dificuldades encontradas, colocaram o grupo na curva da derrota. O Sporting, team que desta vez se apresentou sem grandes facilidades de ressecção, teve na sua frente um grupo alegre, vistoso e pujante, decidido à vitória.

Não se pode imaginar o ardor e a fé reveladas pela equipa benfiquense. Enquanto o Sporting se entregava, na lei de um fatalismo de que ele próprio se convenciu, sem razão plausível, o Benfica crescia a olhos vistos, rebuscava nas suas energias melhores forças e caía a fundo. A extrema defesa fazia o papel de fornecedora do ataque, e este, em lances astuciosos, posto que individuais, colocava em sérias dificuldades o conjunto leonino da defesa.

Foi bela a luta entre Jesus Correia, o melhor do ataque, e Fernandes, o melhor da defesa. Siga-se no Sporting, por ordem: Azevedo, Manuel Marques, Veríssimo, Canário e Vasques.

TAVARES DA SILVA

(Continua na página 12)



Moreira, em tom energético, discute com Rola, o qual não segue convenientemente a trajetória da bola e é batido



A ESQUERDA — Uma jogada de ataque do Sporting que encontra a resistência da defesa do Benfica. Wilson, saltando mais do que o seu adversário, pretende passar a Vasques, mas Xico Ferreira está prestes a intervir...

A DIREITA — Por vezes é preciso tapar bem o caminho — se não o adversário fura! Vasques tem contra ele Xico Ferreira e Felix, estando ainda de reserva Arsenio



Stadium

na capital do Norte

Sob a direcção de RODRIGUES TELES

Vitória do Porto sobre o Corunha

NA última quinta-feira, a despeito do mau tempo, assistimos a um bom desafio. Visitou-nos a forte equipa do Desportivo da Corunha, que teve como adversário o F. C. do Porto, e qualquer deles, um em cada parte, agradou ao público.

A equipa corunhesa exibiu-se capazmente durante toda a primeira parte e no último quarto de hora, correspondendo-lhe o F. C. do Porto nos primeiros 30 minutos do segundo tempo.

Nesta altura, pôde ver-se evolucionar com muito agrado o ataque portuense, onde Eduardo Vital se revelou mais uma vez como avançado-centro que é pena estar inactivo. Guiados pelos nervos de Vital, puderam os seus colegas da linha da frente tornar-se cada vez mais perigosos para o excelente Açuñ. As bolas portuenses, de que foram autores Gastão, (da linha média), Vital e Sanfins, agradaram pelo espectáculo. A última, especialmente, obtida por Sanfins, impressionou fortemente o guarda-redes corunhês, que saiu da baliza para cumprimentar o incompreendido mas sempre útil avançado do F. C. do Porto.

Foi apenas lamentável que o mau tempo prejudicasse em dado momento o desafio. Mesmo sobre um lodçal, actuaram alguns jogadores no melhor plano. Nos portuenses — Gastão revelou-se em bela forma, como médio de ataque; Carvalho continua a impor-se aos extremos esquerdos adversários, e Alfredo brilhou na segunda parte do encontro. Romão, sempre sóbrio, como é seu costume, mas verdadeiro «operário» da sua equipa. Francisco melhorou, em relação ao jogo de Braga, e no ataque todos se acotilharam ao jogo forte do avançado-centro Vital.

Quanto à Corunha — boa equipa. Defesa segura e guarda-redes do melhor. O ataque — ágil, habilidoso, mas pouco rematador. Interiores, então, pedras de alto valor.

NUNCA VIMOS UMA COISA ASSIM...

NÃO pode dizer-se nada em prejuizo dos bracarense, dentro do seu Campo da Ponte. Embora laporecidos por uma exibição irregularíssima do seu adversário, F. C. do Porto, os minhotos não tiveram comportamento que mereça ser apontado como desabono. Ganharam com demostada expressão? Não têm culpa disso. O Sporting de Braga obteve ó bulas e exhibiu-se nitidamente melhor que o Porto. Daqui não pode lagir-se...

No que reparámos, porém, e por certo reparariam outros pessoas, foi na maneira pouco lidaiga como se comportou a multidão... que não via o jogo! Do Porto para Braga deslocaram-se centenas de automóveis e multissimos caminhetos, conzando adeptos, simples observadores, — e também alguns indiferentes, atraídos apenas pelo passalo à lida cidade.

Pois a todos tocou, tanto à ida como no regresso, uma recepção antipática e indigna. Automóveis que se aproximasse de Braga ou que de lá saísse após o deslho, receberia pedradas ou ingredientes que bastante aborreciam os seus ocupantes e muito especialmente os seus proprietários. Após o jogo, enquanto durou a travessia ao Campo da Ponte até à Arrada, por exemplo, assistimos a uma autêntica guerra de palavras, de gestos e de indelicadezas que uma equipa bem derrotada e uns adeptos que por ela se bateram no campo certamente não mereceram.

S.bemos nié de am caso que revela bem a injustiça daquelas pessoas a quem o bom senso não tocou: um amigo nosso, bracarense e adepto do Sporting da sua terra, mas videnno no Porto, foi de aqui ver jogar a equipa ao seu clube, de automóvel. Pois viu-se, também, enviado na onda dos insultos, atravessando Braga e a estrada que a liga ao Porto com a maior dificuldade. Sentiu-se envergonhado com os attitudes que lorçadamente presenciou.

Claro que nem os jogadores, nem a gerência do clube, nem o próprio clube e sua boa gente, têm culpa do que se passou. Mas não é elegante vexar deste modo pessoas que por certo não querem mal a uma cidade bonita como Braga, e não se poae ninguém aborrecer com o reparo justo que lhe fazemos e lhe fizeram ja outras pessoas e jornais.

O desporto deve merecer um boadinho mais de respeito. As pessoas que o não souberem compreender devem, pelo menos, color-se, pois assim não prejudicam o clube que julgam aplaudir. Braga já não é nenhuma aldeia, mas o espectáculo que algumas pessoas presenciaram após o jogo com o Porto não o vimos nunca em centros menos importantes.

A excelente equipa do Sporting de Braga, ganhando sem discussões de qualquer natureza, não precisa nem precisa que à saída do campo se trate por tal processo a gente que foi ver o jogo ao Campo da Ponte. Por outro lado, Braga vai possuir um Estádio inzejável, moderno, grandioso, e deve exigir à parte da sua população, áqueia que vimos insultar a torto e a direito, exibindo os mais variados instrumentos — o leitor nem loz ideal! — uma compostura que a dignifique e faça chamar torseiros dispostos a vibrar com as suas organizações desportivas.

Tal como vimos há duas semanas, ninguém de espírito bem formado poderá aplaudir. A própria equipa de Braga. Todos que são seus fiéis e sinceros adeptos. No campo, durante o jogo, salvo uma ou outra escaramuça inzejável (e aqui não sabemos se os culpados eram da terra ou de fora) nada feriu a regularidade do deslho. Temos mesmo a certeza de que os desportistas que viram o jogo, uma vez cá fora, não se associaram ao «enarivar» medonho, ao puro arreial indelicado e incorreto. Esses, eram amigos do futebol, do seu clube, dos bristos e indelicáveis vencedores do Porto. Cabe-lhes por isso contribuir para que os desacatos terminem, de uma vez para sempre. Braga é uma terra civilizada e assim deve viver!

Curiosidades...

O médio portuense Joaquim, segundo se julga, descansará alguns dias, pois pouca liberdade lhe tem sido dada pelos seus orientadores técnicos. Joaquim, um excelente meio, correcto respeitador da crítica, mesmo quando esta o não pode louvar, é um atleta que se dá ao jogo de alma e coração. Pelo seu esforço constante, dedicado, merece o admirável médio do F. C. do Porto algum descanso.

Parece-nos, por isso, que não podia ser melhor a attitude dos orientadores do F. C. do Porto.

♦ Sanfins é o rapaz que serve para tudo na equipa do F. C. do Porto. Joga em qualquer lugar do ataque, onde quiserem colocá-lo, e sempre com espírito de sacrificio. No entanto, este dedicado servidor do F. C. do Porto nem sempre é bem apreciado. Qualquer pode enganar-se, jogar mal — menos Sanfins. Ainda na quinta-feira foi assubiado no Lima, felizmente por pouca gente. Mas Sanfins, longe de desanimar, suportando a pouca confiança que inspira, respondeu com um golo de se lhe tirar o chapéu. A maneira inteligente como dominou a saída de Açuñ, apontando fora do seu alcance, define a sua categoria.

♦ Parece oportuno recordar o nome de Vital. O conhecido e discutido avançado-centro, embora retirado dos campos, arrastou a sua equipa para o ataque, contra o Corunha. Marcou o 2.º golo no estilo de Peyrotte, arancando com força e deslocando-se, já dentro da grande área, das cargas dos adversários. Foi um golo a nossa maneira. Entretanto, Vital volta para a bancada. Falam jogadores bons ao futebol português, mas isso não conta.

♦ A' equipa do F. C. do Porto não era ministrada ginástica. Reparou-se tarde no erro — mas vá lá, sempre se reparou. Agora, foi chamado a preparar fisicamente a equipa o professor formado pelo L. N. E. F., Armelino Bentes. Algumas gorduras começam a desaparecer. Alfredo, por exemplo, engordou 6 quilos! Armelino Bentes, bom conhecedor, por certo o fará voltar ao peso normal.

♦ O público não tem acompanhado em larga escala nos jogos internacionais de hóquei em patins, efectuados no Palácio de Cristal. Entretanto, a organização tem sido boa. E além disso, a equipa do Porto tem correspondido, exibindo-se de modo a não deixar mal colocada a sua terra.

♦ Parece que o Boavista procura agora dominar a situação, obtendo boas vitórias, subindo decaradamente para o melhor lugar. O Leixões, por seu turno, também está disposto a bater-se. Será tudo isto de bom sintoma? Oxalá. O futebol atravessa uma época de inzejável crise, pelo menos cá no Porto, e deve desejar-se que as coisas mudem para um campo mais agradável.

A MODERNA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-C

Telef. 30078

LISBOA

A Revista «Stadium»

vende-se no Rio de Janeiro na CASA VANNI

161, Avenida Rio Branco, 161

O idolo JOÃO AZEVEDO

NOTAS e COMENTÁRIOS por PITTA CASTELEJO

(Continuação do último número)

Azevedo vai ter a sua festa de consagração, vai sentir à sua volta milhares de corações a palpar desordenadamente, vai ouvir aclamações como nunca chegaram aos seus ouvidos, vai ser o alvo das conversas de todos os centros futebolísticos, vai ser o «homem do dia», por esse país fora, desde as cidades mais populosas até às mais humildes aldeias ou lugarejos onde o seu nome é tão conhecido e admirado como na própria capital do Império!

Homenagem justíssima, sem dúvida, essa que se prepara ao extraordinário guardião português, que podemos classificar, sem exagero, no mais popular de todos os ídolos que praticam desporto.

Ainda bem que Azevedo não se resolveu a abandonar os pérfidos, continuando a prestar o seu valiosíssimo concurso à turma leonina e à equipa representativa do país, se por quem de direito, lhe for reconhecido o mérito de voltar a colar ao corpo a camisola prestigiosa das quinas.

O seu valor ainda é grande. Embora não nos faça esquecer o atleta de há épocas atrás, em que todas as suas esplêndidas qualidades o creditavam como um guardião quase imbatível, o certo é que, no seu lugar, poucos, muito poucos mesmo, no presente, podem ombrear com ele.

Os avançados que o digam... Quantas vezes, o público verbera acaloradamente a falta de pontaria deste ou daquele elemento, quando o mais fácil seria marcar gol, — esquecendo-se que a guarda das balizas estava confiada a Azevedo!

A ineficácia, precipitação ou enervamento revelados pelos jogadores que em boas condições de atirar a contar, desperdiçam ocasiões soberanas, é devida à preocupação de encaminharem a bola em condições tais que torne inútil toda e qualquer tentativa de a deter por parte daquele que é *amo e senhor* na área de terreno confiada à sua guarda!

Se fosse outro o guarda das balizas, — sem lhe diminuir o valor que realmente possui — a preocupação de rematar em condições favoráveis não imperaria tão vinculadamente no espírito do jogador e, conseqüentemente, não se perderiam de forma inglória, tantos golos que pareciam feitos.

Com uma carreira digna do maior apreço e louvor, quer no passado quer no presente, Azevedo é indiscutivelmente um nome dos de maior projecção no futebol nacional!

Por isso mesmo, deve velar por si com o maior cuidado, não descuidando a preparação, base da «forma», aquilando com a maior equidade e isenção o evoluir das suas faculdades e possibilidades atléticas, para que, chegado o momento de abandonar de uma vez para sempre as competições, deixe um lugar vago a recordá-lo e uma saudade perene no âmago dos seus admiradores, que deplorarão um afastamento em glória!

Ai daqueles, e não seria difícil citar exemplos, que demoradamente vão batalhando sem tréguas nem desfalecimentos, na ânsia de bem servir, ouvindo frases laudatórias, aliantes e convincentes, acerca do seu mérito e da necessidade imperiosa de continuar no seu posto, mas a quem começam a faltar os requisitos primordiais de desenvoltura, agilidade, garra e poder, e que, sem escutar a pru-



Azevedo, no momento próprio, salta com harmonia e agilidade, antecipando-se aos avançados, por mais rápidos e enérgicos que sejam, blocando a bola com as duas mãos e com uma segurança absoluta. Bola nas suas mãos e bola que não foge!

dência, — sempre boa e fiel conselheira — vão arrastando a sua vida desportiva com exhibições regulares ou apagadas, para desaparecerem dos campos sem deixarem pena, sem que o seu passado seja lembrado com aquela justiça de conceito que lhe devia ser tributada!

A glória e a popularidade são efémeras e só perduram enquanto o atleta está na posse das qualidades viris que o acreditam como um valor digno de carinho!

Porque João Azevedo é merecedor pelo seu apuro, correcção e «classe» apurada, tão notavelmente demonstradas, que o seu nome seja recordado com elogiosas referências e as suas difíceis estradas lembradas com admiração, não resistimos a escrever estes considerandos, numa ante-visão do que desejamos, sinceramente, venha a dar-se quando esse maravilhoso jogador resolver, com firmeza, cessar a sua actividade.

Oxalá, todavia, que esse momento demore ainda muitíssimo, para que todos os aficio-

nados do balão redondo e feiteiro, tenham a dita de gozar o espectáculo magnífico das suas actuações cheias de beleza e encanto!

Áfvel no trato, é estimado por todos aqueles com quem priva e conseguiu cultivar amizades dedicadas em milhares de admiradores que não o conhecem... senão pelo nome.

Recebe inúmeras cartas dos pontos mais distantes, e dispersos do país e até do estrangeiro, com palavras de vibrante homenagem e de incitamento, remetadas com o pedido de envio de uma fotografia.

Quando se desloca para fora da capital e mórmente quando o seu clube disputa jogos em terras onde não é conhecido pessoalmente, a solicitação de autógrafos não pára e o cerco que lhe é feito pelos locais, é digno de registo!

Repetimos, a sua festa vai ter uma grandeza fora do comum, pela espontânea simpatia que todos dedicam a este «astro» da bola, jogador dos mais completos e de «classe» apurada no meio futebolístico da Nação.

Para que se possa avaliar o seu inegável valor, vamos fazer um resenha da contribuição dada com a maior luminosidade à selecção nacional, afim de que os admiradores fiéis que o vão acompanhar, em espírito, no dia da sua festa, — por impossibilidade de estarem presentes, dada a sua longínqua residência, — sintam mais intrínseca e vibrantemente os momentos de alta apteose que se disfarçarão, por certo, nesse memorável dia.

O primeiro jogo oficial e... 12 selecções regionais

João Mendonça Azevedo conta nesta altura 34 anos e 5 meses, pois nasceu em 10 de Julho de 1915.

Aos quinze ingressou no Futebol Clube Barreirense, a importante e popular agremiação com firmes e belas tradições, alinhando na época de 1930-31, na turma infantil, tendo efectuado o seu jogo de estreia nas lides futebolísticas em 26 de Abril de 1931.

Já na época seguinte se verificou a sua subida, — prelúdio da marcha ascensional e brilhante culminada com o rodar dos anos — alinhando nos dois primeiros desafios em 2.^ª categoria, no terceiro em 3.^ª, nos 4.^º, 5.^º e 6.^º em 2.^ª, no 7.^º, 8.^º e 9.^º em Reservas e no décimo em 1.^ª, este em 13 de Outubro de 1932, portanto com 17 anos, 3 meses e 3 dias!

Na temporada de 1932-1933, foi inscrito em 1.^ª categoria, tendo participado, episódicamente, em alguns encontros de Reservas.

O seu nome começou, então, a ser citado com frases elogiosas e os aficionados compraziam-se com as suas actuações, reveladoras de que o futebol tinha naquele «rapaz», um elemento que prometia ser «homem» com H, no mundo da bola.

Inscrito na A. F. L., em 1933-1934, não participou em qualquer prélio, outro tanto sucedendo na temporada que se seguiu, não tendo, porém, o Barreirense efectuado a sua inscrição.

Nos bastidores desportivos já a sua mudança de clube era comentada e tida como certa. As opiniões fervilhavam e a expectativa mantinha-se latente.

Iniciada a época de 1935-36, Azevedo era componente das turmas leoninas, tendo defendido as balizas dos «leões» — num jogo de Reserva — pela primeira vez, no dia 13 de Outubro de 1935.

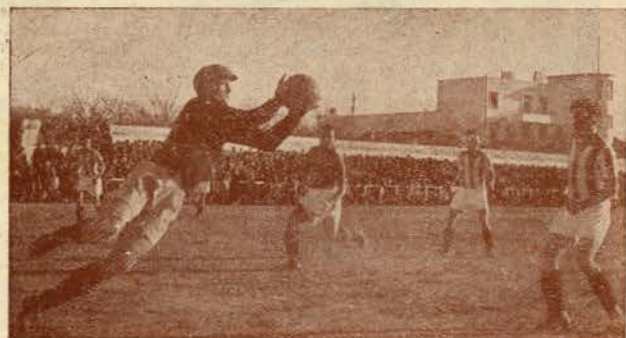
Curioso de notar o facto de terem decorrido precisamente três anos desde a sua primeira pugna em categorias de Honra até ao primeiro desafio em que alinhou pelo prestigioso clube dos «verde-brancos».

A par das chamadas à Selecção Nacional, de que trataremos a seguir, regista a sua folha de serviço — que honra um atleta — 12 presenças na equipa representativa da cidade de Lisboa, número por si só bem representativo da colaboração valiosa que prestou, por valimento próprio, à capital da pátria.

(Continua no próximo número)

SETUBAL conquistou o triunfo contra

BELENENSES



Num remate de Belém, a bola bateu na trave e o guarda-redes de Setúbal defende com segurança



Primo, defesa do Vitória, defende de cabeça, vendo-se cerca do lance Pinto de Almeida

LUSITANO

soma dois pontos



O guarda-redes do Elvas defende a soco e arrebatla a bola ao adversário no momento próprio

GUIMARÃES

continua a afastar-se da zona perigosa e vence OLHANENSE



Remate de cabeça, em estilo clássico e perfeito, de Rebelo

Comissão
Administrativa da
Federação de Futebol

Confirma-se a nomeação do conhecido dirigente, sr. Alberto Brito, para a vaga resultante do falecimento do sr. major Gomes Marques. Aquele dirigente foi convidado pelo sr. Faco Viana, e aceitou o cargo.

F.C. do Porto venceu Corunha por 3-1

Estas duas imagens são interessantes fases do encontro em que o Porto derrotou a Corunha, numa boa exibição. Primeiro vê-se Monteiro da Costa, ao ser desarmado pelo defesa espanhol; depois, Alfredo não leva a melhor contra um avançado espanhol, embora este faça mal a cabeça



TÉCNICA E TÁCTICA

Como se joga e como se treina

III

O REMATE — Este capítulo é, sem dúvida, o mais importante sob o ponto de vista técnico. O remate é, com efeito, o ponto fraco dos jogadores que, em confronto internacional, afirmam muito melhor a sua classe de jogo quando hajam aprendido a dar ao tiro à baliza a força e a rapidez necessárias.

Vamos estudar o gesto de remate decomposto em 3 tempos sucessivos, comparando-o à manobra do atirador com arma de fogo: armar, apontar, disparar. A análise a que vamos proceder é forçadamente complexa, pois se o braço é o factor actuante no remate, para que este seja eficaz necessita de sólido ponto de apoio, de ser executado em perfeito equilíbrio e de proporcionar o máximo aproveitamento impulsivo dos segmentos inferiores.

Escreve o prof. Piedboeuf: «O remate clássico utiliza três pontos de apoio activos, que numeraremos 1 — 2 — 3. Antes de atirar a bola, é preciso colocá-la em posição e para isso é preciso um tempo de suspensão relativa no ritmo de progressão, o qual é obtido por intermédio de chamada (1), feita com o pé oposto ao braço que remata e suporemos ser o direito; os dois apoios seguintes, o primeiro correspondendo ao pé direito (2) e o último ao pé esquerdo (1), acompanham o tempo de execução do remate. O apoio 2 será essencialmente impulsivo e o apoio 3, directivo.»

Passemos agora ao remate propriamente dito: a bola está segura pelas duas mãos, em frente do corpo, no momento do apoio de chamada 1. Entre 1 (pé esq.) e 2 (pé dir.) decorre o tempo de «armar», isto é, colocar a mão direita e a bola em posição de disparo; para isso, a mão esquerda, colocada em frente da bola e ligeiramente por baixo, empurra para trás e para cima o bloco «bola-mão direita». Depois desta acção, cuja amplitude se não deve exagerar, o braço esquerdo estende-se para diante e para fora.

A mão do remate deve estar em posição a quando do apoio 2, (D). Na chamada do pé esquerdo (1), este assentará no eixo da corrida, mas a oscilação seguinte da perna direita para diante é acompanhada de rotação externa, de

maneira que o pé assente com a ponta obliquamente desviada para fora, o que favorece a rotação do tronco para a direita. A passada esquerda seguinte, para o apoio 3 do pé esquerdo, volta a ser rigorosamente no eixo da corrida, factor essencial para a precisão directiva do lançamento.

Entre os apoios 1-2-3 verifica-se nítida alteração de ritmo, com ligeira suspensão após o primeiro, ao passo que os dois seguintes se aproximam em tempo e distância; esta arritmia é esquematicamente representada assim: E — D, E.

A mesma diferença de velocidade se observa nos movimentos dos membros superiores, pois o «armar» é mais lento e menos violento do que o «disparar».

A aceleração do tempo final do remate é função do impulso de todo o corpo; como no lançamento do peso ou do dardo, o braço não intervem em exclusivo. O remate é a sucessão lógica e ordenada de diversos impulsos, principalmente das poderosas massas musculares das pernas e do tronco, que permitirá ao braço desempenhar por último, mas sómente por último, a sua acção particular. A aceleração será ainda ajudada pelo desequilíbrio do corpo para a frente, provocado pelo pequeno afastamento dos pés nos apoios 2 e 3.

«Contrariamente aos lançamentos atléticos a perna esquerda nunca intervem com acção de travagem ou impulso vertical. Forma, contudo, um eixo de rotação e a sua extensão violenta é executada após a passagem do tronco pelo plano do ponto de apoio, agindo obliquamente para diante. No momento da passagem da perna pela vertical, o ombro direito encontra-se por cima e à frente do apoio esquerdo 1. A extensão da perna esquerda obliquamente para diante assentua e precipita o desequilíbrio anterior. O braço lançador, arrastado passivamente até então pela tração do ombro, chicoteia por sua vez, cotovelo voltado para a frente e conclui o disparo da bola.» (Fleury).

O eixo de impulsão que orienta todas estas forças sucessivas é formado pela mão, a qual deve estar perfeitamente adaptada ao contorno da bola e manter-se invariavelmente no prolongamento do antebraço (nenhuma quebra do pulso), durante todo o tempo preparatório.

(Continua)

SALAZAR CARREIRA

GRAVURAS

de Armeis & Moreno, Lda.

Travessa S. João da Praça, 38

O PALMEIRAS regressou ao Brasil



O excelente grupo de S. Paulo (Brasil) que, em Espanha, apesar da sua grande classe, e de revelar jogadores portentosos como os afamados Jair e Canholinho, não conseguiu ganhar um desajo. Contra o Barcelona, 2-2; contra Kopenhague, 3-4; contra Atletico de Madrid, 1-4. O grupo regressou à sua terra; e a excursão deverá levantar ainda cealuma no Brasil

XADREZ

A intensa actividade em Lisboa é um sintoma prometedor para a modalidade

É fora de dúvida que estamos em presença de um movimento de interesse em torno do científico xadrez, como modalidade desportiva, com óptimas possibilidades de continuidade.

A Direcção da Associação de Xadrez do Sul não se tem poupado a esforços para que a Causa vingue, quer na elaboração de novos regulamentos técnicos e administrativos, como na reorganização da actividade desportiva da modalidade.

Em Novembro último estiveram em acção mais de uma centena de jogadores. No princípio do próximo ano, esta cifra deve aumentar ainda, com o Torneio Distrital de 3.ª Divisão, facultativo a todos os xadrezistas daquela categoria.

No momento em que este número da «Stadium» sai a público deve ter-se disputado a prova máxima dos últimos tempos: o torneio inter-regional de Coimbra, no qual tomam parte as seleções do Norte, Centro e Sul.

É pois prometedor o sintoma de progresso que o xadrez desportivo está manifestando.

Martins Pereira ganhou o Torneio do G. D. Argibay

No Grupo Desportivo Argibay, que conta já um núcleo de xadrezistas muito apreciável, disputou-se um torneio de classificação de categorias, com partidas contra-relogio.

A classificação geral foi a seguinte: 1.º, Martins Pereira, 7 pontos; 2.º, Jorge Liberato, 6 p.; 3.º, Adriano Meio e Francisco Pires, 4 p.; 5.º, João Cantarino e Manuel de Oliveira, 3 p.; 7.º, A. Almeida, 1 p.; 8.º, J. Roque, 0.

A 1.ª categoria do clube ficou constituída por Daniel de Oliveira, Manuel Sampato, Policarpo Lemos, E. Martins Pereira e Jorge Liberato. A 2.ª categoria por A. Melo, F. Pires, J. Cantarino e M. Oliveira. Na 3.ª categoria, figuram

além de A. Almeida e J. Roque, todos os concorrentes do Torneio de Iniciados actualmente em curso.

No Grupo de Xadrez de Lisboa

O Torneio de 3.ª categoria do G. X. L. registou a afluência de muitos jovens, todos eles muito habilidosos e com possibilidades de subirem a camadas superiores.

Os dois vencedores, sobretudo, demonstram qualidades muito apreciáveis.

A classificação foi: 1.º, Manuel Robalo e Mário Silva Araújo, 3,5 (desempate pelo sistema Sonneborn); 3.º, P. Silva Araújo, 6; 4.º, dr. Damas Mora, 5,5; 5.º, Rogério Horta, 5; 6.º, Carlos Barros, J. Redin, Lopes Vieira, 4,5; 9.º, Reinaldo Dias e Luis Morão, 4; 11.º, Oscar Pires, 0.

Os cinco primeiros classificados tiveram o direito de se candidatarem à 2.ª categoria.

Simultaneas

No novel Grupo de Xadrez Continetal, efectuou-se uma série de interessantes sessões de partidas simultaneas com duzidas por três dos mais jovens e prometedores xadrezistas.

Eis os resultados:

Holder Sardinha ganhou 12 partidas, empatou com Vasco Trindade e perdeu com os drs. A. Mesquita e G. Ribeiro.

António Cardoso ganhou 5 jogos, empatou com Damas Mora J.º, arq. Ernani Nunes e Costa Pereira e perdeu com Artur Trindade e Armando Pereira.

Joaquim Durão ganhou 8 partidas, perdeu com G. Garrana e empatou com E. Nunes.

VASCO SANTOS

Uma «tempestade» no Funchal sem importância de maior...

Por virtude da selecção de futebol do Combra e do grupo da Académica estar em perspectivas de se deslocar à Madeira, a convite do Nacional, Sporting e União, a data de 31 de Dezembro foi cedida ao Marítimo para o desafio com o Sporting, quando o grande clube madeirense pretendia a data do primeiro do Ano para o efeito. Tendo a Académica desistido da viagem, o Marítimo jogará com o Sporting a 1 de Janeiro. O caso tem sido objecto de viva discussão no Funchal, viva e parcial, mas parece-nos que tanto o Marítimo como a Associação de Futebol do Funchal têm razão. Dependendo do ângulo em que nos colocarmos, é tão difícil conciliar o interesse de todos — quando esses interesses se repõem!

Sporting Clube da Penha

Completando 10 anos de existência, o Sporting Clube da Penha publicou uma plaqueta em que se fala do clube, da influência que ele tem exercido no futebol popular, abordando-se a «história dos clubes do Bairro da Graça», a propósito do campo do Vale Escuro, a construir pela Câmara Municipal, que, segundo parece, será entregue a três colectividades: Clube Operário de Futebol, Mirantense Futebol Clube e Sporting Clube da Penha. A propósito agradecemos as saudações que no Boletim são dirigidas a Stadium.

a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

A construção de estádios e campos de jogos está um pouco na ordem do dia. E' o assunto palpitante da hora que passa, tanto aqui, em Portugal, como fora das nossas fronteiras, para o lado de lá dos Pirinéus.

Um projecto relativo à construção de um novo recinto em anfileatro, capaz de conter 120.000 espectadores, foi presente ao Conselho Municipal de Paris, ignorando-se exactamente donde vem o capital financeiro da futura empresa, que se julga ser estrangeiro.

Uma das particularidades estravagantes do citado projecto é a especialização do estádio, reservado somente para desportos colectivos, ou individuos de combate, como sejam o futebol, o rãgbi e o boxe, eventualmente.

Perguntam os partidários do atletismo: Que vai ser feito do desporto natural por excelência? Ficarà abandonado?

De modo algum, afirmam os autores do projecto. Para essa modalidade, destinamos o velho estádio de Colombes, que precisa de ser convenientemente adaptado para satisfazer às necessidades actuais.

Mas, há onze anos se fala precisamente nisso, sem que tenha passado do papel a reclamada e conveniente reconstrução, que se requiere para especializar o campo, destinando-o somente a corridas, saltos e lançamentos.

Um estudo rápido do problema levou a pôr de lado alguns terrenos clássicos, como o Parque des Princes, Colombes, Montesson, Vincennes, o Bois de Passy (onde se pratica habitualmente o hóquei), etc., preferindo-lhe Issy-les-Moulineux, para logar do futuro projecto.

A ideia é construir o estádio numa localidade de acesso fácil, sem grandes ventos dominantes e que não afecte os planos já traçados de urbanismo.

E' curioso mas já ouvimos esta canção de embalar! Onde? Francamente, mesmo a puzar pela memória, verde-se-nos o fio do raciocínio. Mas quere-nos parecer tão viável e breve o problema do grande estádio de Paris como outros semelhantes, aguardando solução do lado de cá. Verdadeiras usinofias incompletas, não deixa de ver!

MARCEL CERDAN foi feito cavaleiro da Legião de Honra, a título postumo, por decreto em data de 1 do corrente. O Conselho de Ministros, ouvido o ministro da Educação Nacional, e atendendo aos serviços relevantes prestados ao seu país, citou-o em ordem da Nação, concedendo-lhe o honroso grau de cavaleiro.

A França perdeu o seu atleta mais representativo depois de Carpentier e durante muitos anos deplorará o triste acontecimento que lhe roubou o grande pugilista de Sidi-el-Abés.

A propósito, não deixa de merecer um pouco de atenção o destino dos principais pugilistas dessa categoria, que foram campeões do Mundo, e que na maior parte dos casos faleceram de morte violenta.

Jack Dempsey, cognominado o «Incomparável» o primeiro da série, faleceu de uma doença pertinaz e brusca; Kid Mac Coy suicidou-se; Stanley Ketchell foi assassinado a tiro; Billy Popke endoideceu e matou a esposa, acabando com a própria existência; Les Darry, morreu de profundo desgosto num hospital; Greb e Tiger Flowers acabaram numa mesa de operações; Eddie Mc Goorly, faleceu na maior indigência e Cerdan terminou como se sabe.

Que pesa sobre o Destino destes grandes combatentes do ringue? Apenas uma coincidência ou a fatalidade sente particular violência em arrebaldá-los para as trevas?

Há, por vezes, no destino singular dos homens um factor de mistério. Depois de conseguirem alar-se a posições de grande prestigio acabam tragicamente, deixando dúvidas sobre se foram grandes porque tombaram ou se tombaram porque eram grandes!

RAFAEL BARRADAS

Rãgbi

A equipa nacional francesa (treze jogadores) enfrentou em Bordéus o grupo de Inglaterra, sendo derrotada por 13 pontos a 5. Os vencedores actuaram sonolentos e os vencedores não quize-

ram empenhar-se a fundo. Segundo a opinião autorizada do dr. Bonpunt, parece que o clima de Arrachon, fortemente marítimo, influíu imenso na disposição física dos estagiários, e será de aconselhar, no futuro, que semelhantes recolhimentos não se ponham em prática.



Magnífico instantâneo do desafio empolgante entre a Itália e a Inglaterra, no campo do Tottenham, em Londres. Nono, guarda-redes italiano no acto de defender brilhantemente um tiro de Morlensen (à esquerda, de camisola branca)

Boxe

Na Europa, em Paris, o campeão de França Jean Stock, venceu por pontos o campeão da Bélgica, Cirilo Delannoit, obtendo assim uma desforra do encontro anterior.

Em Genebra, o negro americano, Jimmy Swan ganhou ao italiano Odorico (pontos) e o sulco Giovanni derrubou Simoniello pelo mesmo processo.

Finalmente, em Rotterdam, o holandez De Bruin dispoz de Sergio Barthélémy por decisão pontual.

No clan dos amadores, registaremos a vitória alcançada pela Espanha sobre a Turquia, depois de um encontro efectuado em Estambul, e da Sudestlavia sobre a Bélgica, num desafio que teve lugar em Zagreb.

Joe Louis não sente vontade de bater em retirada sem ter exaurido todo o beneficio da sua popularidade. Em continuas exhibições pelo continente americano combateu com Pat Valentino, campeão da Costa do Pacífico e ganhou-lhe por knockout ao 8.º assalto.

Será isto uma preparação para enfrentar o seu sucessor Ezzard Charles?

Outro pugilista de cor preta, Ike Williams, campeão mundial de classe, conservou o título derrotando por escassa margem de pontos, um jovem de grande classe, Freddie Dawson, que embora milita na categoria superior baixou a fazer o peso de 61 quilos. O combate foi muito nivelado e o resultado produziu surpresa.

No Madison Square Garden, de Nova Iorque, Rolando La Straza bateu o peso pesado argentino César Brion, por pontos, em 10 rds. Brion havia posto Mauriello fora de combate poucas semanas antes.

Em Argel, Teo Medina, que foi campeão da Europa, deixou-se bater pelo italiano Guido Ferracini, por pontos, depois de uma batalha sem luzimento que aborreceu o público.

Futebol

O leader do Campeonato da Liga, em França, sofreu a segunda derrota da época jogando em Nice contra o representante local. Os nicensens triunfaram por 3-2 graças ao desfalqueamento da defesa dos nortenhos.

O avanço pontual de Lille sobre Toulouse é agora mais reduzido. Apenas 4 pontos os separam, vindo Bordéus em 3.ª posição, com 1 de intervalo.

Sete, de tão sólidas tradições, marcha na cauda lado a lado com Montpellier e Metz, todos com nove pontos escassos.

Em Espanha, concluída a primeira volta do Campeonato da Liga, o Real Madrid ficou em posição dominante, com mais dois pontos que o Valhadolide, indo Bilbao, Celta e Corunha, atrás a um ponto de intervalo entre cada um.

Valência applicou ao Atlético madrileno um penoso resultado de seis a zero; Sevilha deu 9-0 ao Tarragona e a Real Sociedade, de S. Sebastian, ganhou por 4-0 ao Celta. Tudo isto para fecho da primeira «volta».

Em Inglaterra, Liverpool o leader da I Divisão, que ainda não foi vencido em 20 jogos consecutivos, ganhou ao grupo sueco A. I. K. por 4-2 apesar de estar perdendo por 1-0 ao intervalo.

Dois dias mais tarde, o Arsenal, actuando primorosamente, bateu o mesmo grupo pelo elevado resultado de 8-0 e podiam ter ido ainda mais longe, pois sete dos tentos foram marcados antes da segunda parte.

O club Malmoe, (Suécia), que nos três primeiros desafios disputados no Brasil se fizera punir severamente conseguiu um empate de 4-4 em frente dos Corinthians, de S. Paulo.

Assinem a STADIUM

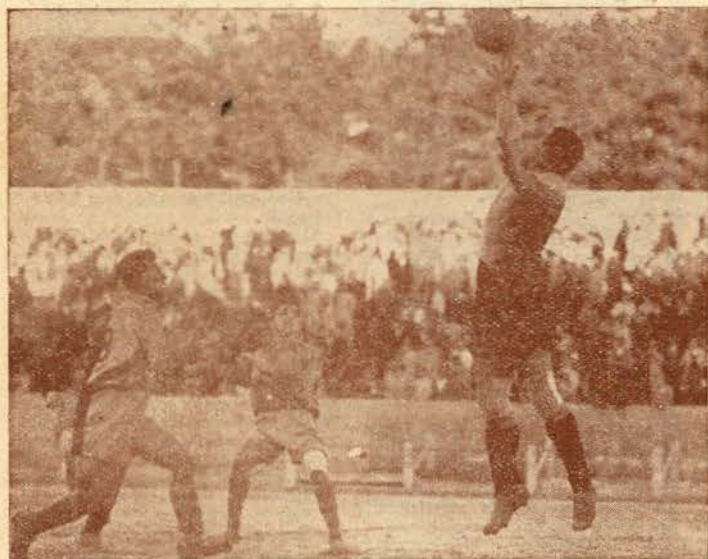
**O EMPATE DA ACADEMICA
traduz esforço gigantesco!**



Azere vê, certamente, com satisfação, a defesa já feita por Capela



Sebastião captou a bola, saindo a tempo. Os defesas são sempre bons auxiliares: — repare-se como Gato tapa o caminho de Serra Corlho



Em bolas altas, Capela é mestre, como o revela mais uma vez esta imagem!

**PORTO jogou melhor
do que o ATLÉTICO**



EM CIMA — Sanjins remata ao golo! A bola fez tabela no poste onde se encontra o guarda-redes Correio, e toca as malhas do outro lado da baliza. Estava feito o 3.º golo do Porto! — EM BAIXO — Um remate de recarga de Monteiro da Costa a uma bola devolvida pela trav, com Correio batido, foi defendida por um defesa do Atlético que se encontra nas balizas e consegue aliviar de cabeça

ARCADIA DANCING DE LUXO
AMBIENTE COSMOPOLITA

Estrelaram-se com b. filho as bailarinas fantaslatas

ANGELES & MERCHE

Num sensacional PROGRAMA, com

Carmelita de Córdoba ♦ Mary M. iy ♦ Ros. y Mary ♦ Ballet Seis Estrelas ♦ Mabel Valencio ♦ Lolita Valladarez ♦ Mary Cruz ♦ Charito Galvez ♦ Rosa Marfil

ULTIMAS exhibções dos notáveis bailarinos dinamarqueses

PRULLIÉ & TALOW

E em pleno triunfo as grandes atrações

HERMANOS MAYA ♦ **OLYMPIA y RAGA**

Música constante pelas dinâmicas ORQUESTRAS

«LOS LATINOS» e «ARCADIA»

